

SULear vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia #

Marcio D'Oliveira Campos @
Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social
EICOS - Instituto de Psicologia - UFRJ/UNESCO

*" Quando o português aqui chegou
debaixo de uma bruta chuva,
vestiu o índio,
Que pena, teria sido uma manhã de Sol,
o índio teria despido o português."
Oswald de Andrade*

1. "LUGARES DO SUL" DE FRENTE PARA O NORTE

De experiências em diferentes contextos em que vivemos, resultam leituras muito distintas -- individuais e sociais – das quais nos apropriamos através de diversas conotações sob os aspectos sentimental, conceitual e ideológico. O que resulta dessas leituras, depende dos pontos de "vista", dos referenciais, de onde percebemos nosso entorno e até outros espaços além do horizonte. À medida em que o processo se desenvolve, as representações correspondentes vão se configurando, armazenam-se e transformam-se na dinâmica da constituição de nossa bagagem de vida.

Além dos aspectos do cotidiano relativos a espaço e orientação, trataremos da maneira como vivências e leituras do mundo se representam nas falas, na literatura e em particular em poesias e músicas impregnadas dos contextos socioculturais dos quais se originaram. Essas representações são marcadas por referências espaciais e temporais como o eixo Norte–Sul (N–S) que explicita as tensões nas relações N/S,

tanto localmente na superfície da Terra como quando representamo-nos o Planeta com suas polaridades entre os dois hemisférios. Através de alguns exemplos, surgirão aspectos conceituais e simbólicos construídos com referência a essas polaridades. Nesta discussão, vamos nos referir com freqüência ao modelo do globo terrestre com seus meridianos (N-S) e paralelos (L-W), suas escalas e orientações e aos pontos cardeais.

Tomando aspectos da segregação espacial entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, já encontramos uma inversão interessante. As zonas de maior poder aquisitivo correspondem respectivamente à zona sul do Rio com bairros que ostentam praias, turismo e elevado padrão de vida e, opostamente, em Buenos Aires encontra-se a concentração do capital no Barrio Norte com La Recoleta e Palermo. Com respeito a raízes de suas tradições musicais, e ao contrário do aspecto anterior, as referências do samba e do tango localizam-se nas zonas respectivamente opostas: a zona Norte das escolas de samba do Rio e a zona Sul dos bairros boêmios e "tangueros" de San Telmo e Boca. Em maior escala e na oposição dos hemisférios que já têm as estações do ano em oposição, nota-se as buscas de lugares quentes e ensolarados nos tempos de férias: os do Sul buscam o Sol do Norte, enquanto europeus buscam no Sul, o Sol das praias do Mediterrâneo.

Por um ponto de vista mais geográfico, consideremos que, mercadorias, conceitos e regras "práticas" relativas a espaço ou a tempo são exportadas do hemisfério norte para o sul, e aceitas sem a devida contextualização para nossos lugares de vida. Esse é o caso do ensino dos pontos cardeais, renitente em tomar a direção norte como o referente fundamental. Nesse caso, mesmo que todas as evidências demonstrem que a estrela Polar não pode ser vista do hemisfério sul, subentende-se que isso possa acontecer e a regra prática passa a ser impraticável. A análise desse problema é rica de reflexões de caráter extremamente interdisciplinar, além do enorme potencial de desdobramentos inesperados que proporciona. É notável, por exemplo, a presença da conotação ideológica nos referenciais do Norte com os quais carregamos o germe da dominação. Este germe explicita-se com freqüência nas oposições do tipo: Norte/Sul, acima/abaixo, subir/descer, superior/inferior, central/periférico, desenvolvido/em desenvolvimento,

Mario Benedetti (1986), intelectual uruguaio com uma diversificada produção literária, nos dá o mote para toda essa reflexão e ilustra bem as oposições N/S no poema "El Sur También Existe" (QUADRO 1), também cantado entre outros nove pelo catalão Juan Manuel Serrat¹. As antinomias Norte/Sul e "arriba/abajo"² complementam-se com sarcasmo e ironia como na referência à "Escola de Chicago" e sugerem de forma clara o caráter ideológico dos referenciais³ do Norte quando importados para um uso não apropriado no Sul.

El Sur También Existe		
Mario Benedetti		
<p>Con su ritual de acero, sus grandes chimeneas, sus sabios clandestinos, su canto de sirenas, sus cielos de neón, sus ventas navideñas, su culto de dios padre y de las charreteras, con sus llaves del reino, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, el hambre disponible, recurre al fruto amargo de lo que otros deciden, mientras el tiempo pasa y pasan los desfiles, y se hacen otras cosas que el norte no prohíbe, con su esperanza dura, el sur, el sur también existe</p>	<p>con sus predicadores, sus gases que envenenan, su escuela de chicago, sus dueños de la tierra, con sus trapos de lujo y su pobre osamenta, sus defensas gastadas, sus gastos de defensa, con su gesta invasora, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, cada uno en su escondite, hay hombres y mujeres que saben a qué asirse, aprovechando el sol y también los eclipses, apartando lo inútil y usando lo que sirve, con su fe veterana, el sur también existe.</p>	<p>con su corno francés y su academia sueca, su salsa americana y sus llaves inglesas, con todos su misiles y sus enciclopedias, su guerra de galaxias y su saña opulenta, con todos sus laureles, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, cerca de las raíces, es donde la memoria ningún recuerdo omite, y hay quienes se desmueren y hay quienes se desviven, y así entre todos logran lo que era un imposible, que todo el mundo sepa, que el sur también existe</p>

QUADRO 1

A marca da superioridade do Norte é também encontrada nos globos terrestres que são fabricados em bases de apoio de onde o eixo polar aponta para Norte e para o alto, qualquer que seja o hemisfério ou o local em que estamos. Isso traz muita confusão entre os conceitos de 'plano horizontal tangente a um ponto do globo' e o de 'vertical de um lugar' – perpendicular, ou melhor, a normal a um desses pontos do plano horizontal. Apesar dessas confusões, todos sabemos que qualquer pedra jogada para a alto -- seja no Brasil, seja no Japão -- cairá sempre para baixo na mesma direção vertical do "fio de prumo": instrumento usado pelos pedreiros para determinar a vertical de um lugar.

Globos terrestres devem ser observados como se fossemos astronautas -- observadores a partir de um referencial fora da atmosfera terrestre. Nesse caso, não existe nem acima nem abaixo, a atração gravitacional é nula e o observador não pesa, "flutua" no espaço.

As subjetividades das relações N/S, aliadas ao fato de que o que é lido ou percebido, depende "de onde" se percebe, nos conduzem à relatividade dos referenciais², ilustrada pela análise de uma composição e interpretação de Ricardo Arjona. Sendo ele um guatemalteco que circula pelo México, suas atividades preponderantes ocorrem próximas da latitude de 20°N, portanto no hemisfério norte pouco ao sul do Trópico do Câncer (23°1/2N)⁴. Um de seus discos leva o título de uma das músicas, escrita em San Juan de Puerto Rico (1995): "**Si el Norte fuera el Sur**"⁵. Ao contrário das bússolas convencionais que põem o Norte em destaque, o disco é ilustrado por uma bússola antiga com uma seta que salienta a direção Sul. No dizer do próprio autor: "*Este disco tiene influencia de Caribe, a donde me escapé huyendo de lo establecido. Tiene sabor a vino, tequila y resaca. Tiene amores que mueren. Tiene brújulas locas. Tiene olor a tabaco. Tiene historias, cuentos, anécdotas, sueños. Tiene hambre de fuga, quiere irse y quedarse. (...)*"

Na letra da música, permanece a antinomia N/S como se verifica no estribilho:

*" Las barras y las estrellas se adueñan de mi bandera
Y nuestra libertad no es otra cosa que una ramera
Y si la deuda externa nos robo la primavera
Al diablo la geografía se acabaron las fronteras"*

No entanto, a relação "arriba/abajo", usada por Benedetti, não aparece nesse caso onde o cenário é o Caribe, hemisfério norte. O que permanece é a relação N/S de dominador/dominado referida aos USA na expressão do estribilho: "As barras e as estrelas se apossam de minha bandeira". Nota-se uma nuance entre as representações de dominação e os referenciais espaciais das "bússolas loucas" ("*brújulas locas*") periféricas. Se por um lado, em regiões intertropicais e no próprio hemisfério sul é costume referir-se à relação N/S, por outro, a relação acima/abaixo parece ser usada apenas nas tensões entre os 'países "periféricos" do hemisfério sul' e 'países "centrais" do hemisfério norte'. Vemos que a antinomia centro/periferia carrega no seu simbolismo uma contradição conceitual geométrica e geográfica. Entre os hemisférios e os continentes, onde definir o centro? Centro de quê?

2. ESPAÇOS e LUGARES, ESCRITAS e LEITURAS

Inexoravelmente, os mapas superpõem duas informações, dois conceitos, distintos e incongruentes como se pudessem estar integrados. Por um lado, o desenho que representa o plano horizontal da região mapeada onde somos guiados por meridianos (Norte – Sul) e pelos paralelos (Leste – Oeste). Por outro, um texto cujos signos que sempre "correm" no sentido horizontal denominando as localidades. Esses nomes aparecem como na página de um caderno sobre a mesa cujo texto de fato apresenta nesse caso, quatro lados perpendiculares, todos no mesmo plano horizontal. Por referência ao nosso corpo e por um certo abuso de linguagem, associa-se aos dois dos lados à nossa frente respectivamente, os lados baixo e o alto da página. Tanto o caderno quanto o livro, só apresentam seu alto e baixo quando depositados verticalmente numa estante. Ao ver um texto convencional superposto a um mapa sobre uma mesa, surge a idéia também incongruente de que existe uma "vertical" Norte-Sul sobre um plano horizontal, quando nesse caso a linha Norte-Sul também é horizontal. Isso é agravado Por essas questões, é freqüente vermos como pessoas que se deslocam, por exemplo, no eixo Porto Alegre - Rio e vice-versa, dizerem respectivamente que vão subir ou descer.

É interessante notar o modo como nos referimos aos termos planta e mapa. Por um lado, denominamos planta ou carta aos artefatos

usados para nossa orientação nas casas, na cidade ou no mar. Por outro lado, em maiores escalas usamos mapa para designar as mesmas coisas, salvo que as cidades estão agora representadas por pontos (sem dimensão). Embora só importe aqui a mudança de escala enquanto conceito unificador, reserva-se plano ou carta para uma cidade com ruas representadas em diferentes sentidos com seus nomes correspondentes escritos "desordenadamente" em todos os sentidos. Destes, nos servimos horizontalmente nos carros, mesas e pranchetas, alinhando-os com a rua ou com a fachada da casa para nos orientarmos. Se a escala aumenta, casas desaparecem e cidades viram pontos desaparecendo o conceito e o uso da orientação; ocorreu a descontinuidade socialmente construída entre, por um lado, carta ou planta e por outro, mapa. Quando a planta "vira" mapa, vai para o plano vertical da parede e o Norte passa a apontar para cima. Com essa descontinuidade, a prática do uso se enfraqueceu e com ela vários outros conceitos importantes também. Mapas e plantas são representações no plano horizontal. Paredes são lugares impróprios para o uso dos mapas que só reforçam a prevalência do Norte.

Quando conscientemente construímos nossas representações e referenciais locais, há conflitos freqüentes com a aceitação indiscriminada de importações estranhas aos contextos socioculturais locais em que elas se instalam. Isso ocorre quando nos furtamos a conferir o que é importado a fim de verificar se as novas representações simbólicas se adaptam ao contexto de vida e conseqüentemente, à produção material e simbólica local. Vários conflitos ocorrem entre fenômenos naturais e sociais (dados, indícios⁶) e conceitos importados. Numa visão esquemática de um sistema de dupla entrada e saída, a FIGURA 1 ilustra essa questão. Nela, o ser humano é o mediador, -- a partir de seus saberes, técnicas e práticas locais -- da operação de contextualização: articulação e apropriação dos dados e representações simbólicas que entram no sistema. Por exemplo, o Norte para cima nos mapas e globos, entrou no hemisfério sul como representação simbólica e não se contextualizou na relação com os dados e indícios locais. Permaneceu símbolo enquanto no hemisfério norte essa representação simbólica é também conceitual e, portanto, passível de ser praticada.

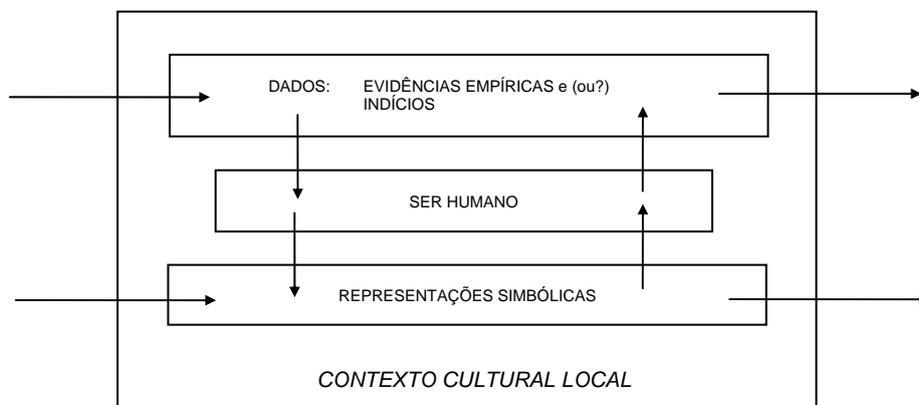


FIGURA 1

Nessas discussões, a consciência da situação histórica, geográfica e sociocultural em geral, é fundamental para a presença do construtivismo no ato de conhecer. Negligências sistemáticas ou ocasionais de contextualização podem trazer bloqueios e impasses importantes na construção de saberes, ainda que em práticas as mais cotidianas. Em especial para a vida, e também para pesquisa e educação, a diversidade de contextos socioculturais exige muita flexibilidade interdisciplinar, além da necessária especialização. De fato essa flexibilidade requer um bom jogo de cintura no manuseio dos feudos da academia e da compartimentação das disciplinas -- muitas vezes, puro exercício de poder. É necessária muita prontidão com respeito à dialogicidade e aos enfrentamentos dos obstáculos epistemológicos com que nos deparamos⁷.

Em nossas práticas, servimo-nos ou criamos recursos (entrevistas, diálogos, modelos, artefatos, representações), sempre limitados para interpretar e expressar realidades pesquisadas. Por sinal, algumas dessas limitações já apareceram nas considerações sobre mapas e globos. Esses recursos devem estar atrelados a uma escolha criteriosa das disjunções metodológicas do tipo biológico/social, individual/social ou observador/observado⁸ que utilizamos no exercício da pesquisa.

Essa constante tensão sob a qual exercemos atividades de pesquisa no interior das antinomias e disjunções metodológicas, se manifesta de várias formas e entre vários autores como: representações individuais

/representações coletivas (Mauss,1924), determinações técnicas/determinações mentais (Descola,1986:2), natureza/cultura e cultura/culturas (Leach,1985:67-135), tempo/espaco (Leach,1978:43-46; 61-66), sincronia / diacronia (Cardoso de Oliveira,1988:13-25), espírito científico/espírito pré-científico e simetria/assimetria (Latour,1983), estar lá/escrever aqui (Geertz,1989). Como diria Edmond Leach, muitas vezes elas não se separam por fronteiras rígidas mas por interseções de ambigüidade sujeitas a tabu entre zonas normais de espaço-tempo social, de tempo marcado, definidas, seculares (Leach,1978:45).

Seguindo o curso inspirado por Benedetti que nos atenta com clareza para o sentido nada ingênuo dos pontos cardeais e direções, aproveitemos os conteúdos ideológicos e históricos representados nas antinomias Norte/Sul para uma reflexão que transcende a escrita e leitura dos textos alfanuméricos convencionais. Atentemos para outras escritas e leituras do mundo que por vezes aceitamos sob formas ingênuas de apropriação sem procurar o que há de conceitual por trás das representações simbólicas que entram no esquema da FIGURA 1. Após uma reflexão sobre essas questões, passaremos a uma discussão mais específica sobre os pontos cardeais e a seguir sobre as buscas de lugares ao Sol a partir dos dois hemisférios e conceitos e símbolos correspondentes.

Ainda que não pertença à comunidade dos especialistas em linguagem, ousarei discutir alguns atos não convencionais de leitura e de escrita. Como um aparente paradoxo, considero esses atos, não só referidos à chamada "sociedade ocidental de tradição científica", mas também a outras culturas e populações que em nossa pulsão de classificação⁹, denominamos como "ágrafas".

Muitas vezes -- além da leitura de texto escrito, alfabético -- o que percebemos ao nosso redor é lido com o auxílio de nossos sentidos e gravado em nossa memória. Fenômenos são como que emitidos a partir de espaços, tanto construídos pelo ser humano como constitutivos do ambiente natural. Em nossas interações que incluem práticas e transformações da estabilidade de lugares desses espaços, sempre construídos socialmente, manifestam-se processos nos quais leituras, desejos, pensamentos e escritas representam-se sob as formas mais variadas, indo de escritas alfanuméricas convencionais até uma vastíssima gama de

modos pelos quais o ser humano marca a sua presença no mundo. São grafitagens, construções, comportamentos animais e humanos, rituais, ornamentos, obras de arte e muitas outras. Esses elementos são, portanto, formas alternativas de escrita que nos desafiam a desenvolver uma capacidade diversificada de leitura do mundo¹⁰ num jogo incessante do individual e do social entre eventos, signos, significados e simbolizações. Segundo Michel De Certeau (1990:173):

“...o espaço é um lugar praticado, assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Da mesma forma, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar que constitui um sistema de signos - um texto”¹¹.

Escritas e leituras ocorrem como nas três etapas do encontro entre platéia e um conjunto de jazz durante uma execução. Músicos e platéia se entendem, reconhecendo a melodia no início de uma performance para, a seguir improvisar de forma livre, cada um à sua vez, mantendo sempre, quase que escondida na multidão de notas acrescidas e improvisadas, a linha melódica de fundo. Em terceiro lugar retoma-se a melodia num encontro de comunicação e reconhecimento geral, social. A leitura das criações do improvisado é cheia de surpresas e também de improvisações por parte dos leitores/espectadores.

As formas de ler essas inscrições dependem fortemente do ponto de vista ou referencial do observador ou participante¹² e podem se diferenciar fortemente em função de classes sociais, gênero, idade, estilos de vida próprios de uma mesma cultura ou do encontro de diferentes culturas.

Com respeito às diferenças culturais, lembremos que na Índia, um abano de cabeça na direção horizontal representa extrema concordância e satisfação para os indianos. Nós, por outro lado, o vemos como rejeição ou negação. A noção de sistema de coordenadas ou de referencial como um ponto ou sistema de onde se observa toma uma conotação bastante subjetiva dependente do contexto cultural determinado. Por exemplo, a expressão e concordância dos indianos carrega um código de comportamento distinto do nosso, marcando assim diferentes referenciais de cultura.

3. SULear vs NORTEar

No Templo do Sol em Cuzco os Incas marcaram quatro direções principais que separam os quadrantes denominados "suyus", sendo aqui o quadrante que se assemelha ao nosso Sudeste o que mais nos interessa. Das quatro direções, três apontam para pontos do horizonte que coincidem com os nossos três pontos cardeais Norte, Leste e Oeste.

A quarta direção principal não aponta para o Sul e contraria assim a nossa tendência a traçar simetrias. Aponta numa direção que faz um ângulo (Azimute) de cerca de 146° a partir da direção Norte (FIGURA 2). Esse dado é de um trabalho de Gary Urton, antropólogo americano que pesquisa relações céu – terra entre populações atuais Quíchua descendentes dos Incas, que assim interpreta os alinhamentos:

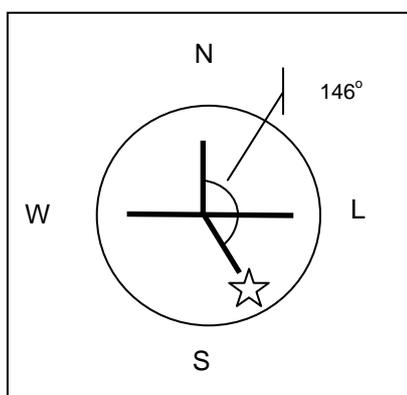


FIGURA 2

"Eu sugiro que dado que o azimute do levante de alfa, Cruxis (o centro de esfera celeste Quíchua) era de 144 graus em 500 A.C. e de 147,52 graus em 1000 A.C., essa linha para o Sul [isto é, a linha demarcando a fronteira entre Collasuyu e Cuntisuyu] existia para incorporar no interior de um só suyu os pontos de levante e poente das estrelas no centro do universo Incaico, alfa Cruxis e o Saco de Carvão." (cf. 164).

No artigo de Urton, Esse parágrafo é ilustrado por um esquema semelhante ao da FIGURA 2. A mudança do ângulo de azimute se deve a um dos movimentos da Terra, a Precessão dos Equinócios. Collasuyu e Cuntisuyu são as denominações quíchua dos dois quadrantes do lado Sul, respectivamente e de forma aproximada SE e SW, já que eles não são iguais e divididos pelo eixo N-S.

Entre várias populações indígenas, além de juntarem-se estrelas para constituir as figuras das constelações, há "constelações" de zonas escuras do céu simbolizando entidades da Terra. Assim os Quíchua têm dois sistemas de classificação. Às ligações de estrelas (pontos), atribuem os objetos e construções humanas. As "nuvens negras" ou regiões escuras do céu, representam animais próprios de seu ambiente. O Saco de Carvão (nuvem de poeira e gases não iluminada) próximo do Cruzeiro do Sul é o "Yutu" nome de alguma ave da família dos tinamidae que engloba: macucos, jaós, perdizes e codornas.

Com uma observação a partir do referencial horizonte - pé no chão e olho para ta abóbada celeste - percebe-se que em seu movimento diário, o Sol nasce a Leste e se põe a Oeste seguindo um "caminho" num plano inclinado em relação ao solo que podemos imaginar se deslocando em posições paralelas a ele próprio entre os solstícios (ver nota 11) de dezembro e junho.. Ao longo de todo o ano, e sempre ao meio dia, podemos ver o Sol passando pelo meridiano (N-S) do céu. Em regiões intertropicais, o Sol do meio-dia passa "a pino", ou seja, na vertical do lugar próximo do ponto Zênite, apenas duas vezes por ano.

Do horizonte do hemisfério sul e ao se aproximar o inverno, o Sol vai sendo percebido a cada dia mais inclinado para os lados do hemisfério norte onde vai chegando o verão de junho em diante, em oposição à aproximação de nosso inverno também de junho em diante. Os pontos extremos do percurso do Sol são os Trópicos de Capricórnio e Câncer respectivamente a $23^{\circ}27'$ de latitude S e N.

Nesse movimento cíclico anual, se observarmos o Sol a partir de latitudes como a de Cuzco ($13^{\circ}31'S$, logo a partir da linha do Equador), a visão do Sol de meio dia para o lado Sul no verão, não é tão marcante quanto no Equador. O Sol parece vir até o alto do céu e voltar para o Norte e promover o outro Verão daquele hemisfério. Portan-

to, com referência ao Sol observado do referencial do horizonte de Cuzco, o astro nasce do lado leste, passa em geral inclinado mais para o Norte no meridiano e no alto do céu ao meio dia e se põe para o lado Oeste.

Aqui aparece a consciência dos povos Quíchua a respeito dos fenômenos próprios de seu horizonte. Como, grosso modo, o Sol não ultrapassa o paralelo L-W do céu ao meio dia na chegada do verão, o astro é percebido como se estivesse no Zênite. Nesse caso, a quarta direção aponta para o horizonte bem aproximadamente para o local onde nasce a Estrela de Magalhães,¹³ a mais brilhante da constelação do Cruzeiro do Sul, denominada na nomenclatura astronômica como α , *Cruxis*,

É uma característica muito freqüente em populações indígenas e rurais mais afastadas dos grandes centros, a atenção desenvolvida para os fenômenos à sua volta e o modo como estes se integram num sistema de saberes e práticas coerente com os fenômenos próprios daquele ambiente e com os modos de vida e produção locais. No Templo do Sol, os Quíchua representaram simbolicamente o que de fato é observado em seu ambiente. Vê-se que, segundo o sistema da FIGURA 1 a mediação entre dados locais e as representações simbólicas foi realizada e o sistema de orientação é de fato contextualizado. As representações simbólicas estão também impregnadas de representações conceituais.

Entre o símbolo e o conceito, Dan Sperber elabora várias perguntas e indica algumas linhas de reflexão interessantes em **O Simbolismo em Geral** (1978 [1974]), ampliando-as para uma discussão das taxinomias zoológicas no artigo "Porque os animais perfeitos, os híbridos e os monstros são bons para pensar simbolicamente?" (1975). Sua discussão sugere uma reelaboração da nossa FIGURA 1 nas considerações seguintes sobre as representações corporais dos pontos cardeais. Sperber considera a simbolicidade como não sendo uma propriedade dos objetos ou dos enunciados, mas sim das 'representações conceituais' que os descrevem e os interpretam. A representação conceitual caracteriza-se por dois conjuntos de proposições, um descreve uma informação nova, o outro estabelece ligação entre a aquela e o saber previamente adquirido. Se essa ligação não se faz, a representação conceitual defeituosa que falhou em tornar assimilável seu objeto, é "posta entre aspas

pelo acionamento do dispositivo simbólico " e torna-se por sua vez, objeto de uma segunda representação: a representação simbólica (1975:5).¹⁴

Assim como no hemisfério norte, nós do Sul também nos orientamos pelo lado do Oriente onde nasce o Sol. Nesse caso há coincidência no ato de tomar o lado do nascente do Sol para se ORIENTar (ORIENTE + ar). No entanto, mesmo nesse caso, quando se trata de associar um esquema corporal aos pontos cardeais para encontrá-los, nota-se que as regras, importadas para o hemisfério sul, são práticas apenas para o hemisfério norte. Lá, assim como nós, eles se ORIENTam pelo Sol nascente, Apesar disso e ao contrário de nós, eles se NORTEiam pela estrela *Polaris*. A Estrela Polar se situa em coincidência com o Polo Norte celeste (prolongamento do eixo polar terrestre no céu) e por isso é também chamada de Estrela do Norte ou a "Estrela que Nunca se Move", segundo algumas populações indígenas que vivem no território dos USA.

O hemisfério norte que vê a Polar, não vê o Cruzeiro do Sul. Isso acontece também em Portugal, situado bem mais ao norte (no entorno de 40°N) do Trópico do Câncer. No entanto, nota-se indistintamente nos dicionários portugueses e brasileiros a presença única do verbo nortear (NORTEar) como orientar-se para o Norte e também dirigir, orientar, guiar. Na noite do hemisfério sul, o encontro da direção Sul apoiado pelo Cruzeiro do Sul deveria enquadrar apenas na idéia de "SULear-se", palavra que não consta dos dicionários brasileiros¹⁵. As convenções norteadoras em nosso hemisfério, como vimos na discussão das antinomias do tipo Norte/Sul, sugerem a conotação ideológica de dominação já discutida.

Sabemos que, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do norte pela qual, ao apontarmos a mão direita para o lado do nascente (lado leste), tem-se à esquerda o oeste, na frente olhamos para o Norte e nos colocamos de costas para o lado Sul. Essa pseudo-regra-prática, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul a constelação fundamental para o ato de 'SULear-se'. Esta constelação aparece próxima à região mais brilhante de toda a Via Láctea, a ponto dos Quíchua a denominarem como O Rio ("Mayu") e se representarem dois rios que se encon-

tram nessa região próxima do polo Sul celeste simbolizando o brilho observado como se houvesse aí uma espécie de "pororoca luminosa".

Se estendêssemos a mão esquerda para o lado do oriente poderíamos atender ao requisito de respeito ao conceito de lateralidade, tão exigida em alfabetização da palavra nas escolas, mas desprezada para a alfabetização e leitura do mundo¹⁶ (ver nota 9). Com isso construiríamos uma representação simbólica, onde também com a consciência do corpo nos colocamos aptos a olhar para o Sul, adaptando-nos assim ao contexto local e do hemisfério sul nas relações céu-terra: Polar, sempre abaixo do horizonte visível e o Cruzeiro do Sul girando em torno do Polo Sul celeste e distante dele cerca de quatro vezes e meia o braço maior da cruz da constelação. Encontrado dessa forma o Polo Sul celeste, basta traçar uma perpendicular para – "suleando-se" - mirar o sul geográfico. Parte da regra prática poderia funcionar se readaptássemos a idéia da representação corporal importada. O que acontece segundo a citação a Sperber é que importou-se o que é conceitual no Norte mas a representação conceitual não tornou-se, no Sul, assimilável ao seu objetivo. O conceito e a regra prática de lá foram postos entre aspas como representação simbólica inutilizando aqui a utilização do Norte e reforçando o caráter ideológico de dominação¹⁷.

Dado que um esquema simbólico corporal deve gozar de praticabilidade na orientação espacial, pelo menos em nosso país isso não é o que se passa. Nos países do hemisfério norte, a regra corporal mais praticável representa melhor a citação anterior de De Certeau sobre o espaço como lugar praticado. Existe uma maior consciência da orientação a partir dos percursos nas ruas e da frequentação das igrejas, notando-se um coloquialismo familiar no uso da orientação com os pontos cardeais, onde as referências à orientação espacial são freqüentes no dia-a-dia e presentes no universo simbólico e conceitual das pessoas. Na discussão a seguir nos referimos à orientações práticas e simbolismos na busca do Sol por habitantes das Zonas Temperadas.

4. BUSCAS DE UM LUGAR AO SOL

Nas regiões de clima temperado, ao se aproximar o verão, as pessoas são freqüentemente movidas pelo desejo de partir em busca do calor nas zonas tropicais e equatoriais. Nelas pode-se ver e sentir o Sol mais alto em relação ao horizonte com mais calor e bronzeamento do corpo pelos raios solares que no verão percorrem um caminho menor na atmosfera, chegando, menos absorvidos até nós.

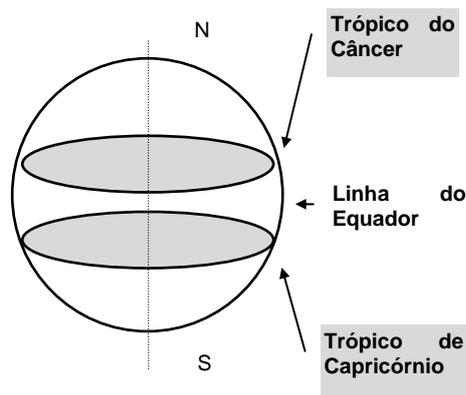


FIGURA 3

Ao longo do ano vemos o Sol oscilar entre os dois Trópicos. A 23 de dezembro começa o verão do hemisfério sul quando ele “chega” à latitude do Trópico do Capricórnio para, em seguida, voltar em direção ao Norte. Esse é o único dia em que na latitude desse Trópico, se “pisa na sombra” ao meio dia solar. Sempre, esse dia, hora e lugar, dia do “Sol-a-pino”, qualquer volume cujos lados forem paralelos à vertical do lugar, não projeta sombra no chão. Entre os Trópicos, pode-se “pisar” na própria sombra apenas duas vezes por ano, nos Trópicos uma vez só.¹⁸

De toda a Europa, e mesmo no início do verão, enxerga-se o Sol sempre numa direção afastada do Zênite local em direção ao Sul. Um globo ou mapa do Planeta podemos verificar algumas localidades próximas do Trópico do Câncer como: Cuba, Sul da Argélia e do Egito,

Calcutá, Hong Kong e Taiwan. Do Trópico do Capricórnio se aproximam Antofagasta (Chile), Ubatuba (SP), Pretória (África do Sul) Alice Springs (centro da Austrália).

Nos lugares frios, a vontade de gozar de um verão mais quente e tropical gera um grande potencial vontades e desejos programados para o tempo quente das férias. Nessas regiões, como por exemplo a França, nota-se uma explosão da Primavera com as amendoeiras em flor, as capas e sobretudos deixados em casa e substituídos pelas roupas coloridas, tudo instalando repentinamente um "clima" de sensualidade que paira no ar. Barbara – poeta,, compositora, cantora e pianista – mostra muito disso em “Gare de Lyon”, uma canção símbolo dessa explosão da Primavera.

"Gare de Lyon" se refere a uma das quatro principais estações de trens de Paris que além de se situarem para os lados das quatro direções cardeais a partir do centro da cidade, levam os passageiros de Paris para as direções correspondentes. Da Gare de Lyon, toma-se necessariamente a direção do Sul, a do “Midi” da França, ou mesmo da Itália, mencionada por Barbara na letra no QUADRO 2.

Na França, a palavra “Midi” (*mi- + diem*) está associada ao meio do dia e por extensão, às regiões mais ensolaradas do Sul do continente europeu de onde mira-se o Sol no Sul. É mais comum o uso dessa expressão para referir-se ao Sul da França nas regiões mediterrâneas, lugares habitados por “les gens du Midi” que falam com “l’Accent di Midi”, sotaque nitidamente distinto do parisiense. O Dicionário **Robert**, referindo-se ao Midi, caracteriza bem esse “clima”:

*“Le Nord vaut peut-être mieux pour la morale.
Mais le Midi vaut mieux pour la vie” (SUARÈS).¹⁹*

A busca do Sol por Barbara é muito significativa desse simbolismo carregado de experiências e leituras, cruzando-se tempos e lugares num espaço de emoções como o de De Certeau que considera “inscrições pedestres” na geometria da cidade que transformado-na em espaço de emoções.

Poderíamos conjecturar que essa busca do Sol no Sul por pessoas das regiões temperadas do Norte teria seu correspondente na busca do Sol

no Norte a partir das regiões temperadas do Sul. Para representar melhor no espaço essa comparação, notemos que Barcelona está aproximadamente simétrica, em relação ao Equador, a Mar del Plata e Baia Blanca nas latitudes Sul. Além disso muitos argentinos se deslocam para Florianópolis cuja latitude é aproximadamente simétrica á de Miami.

GARE DE LYON ²⁰ BARBARA			
Je te téléphone, Près du métro Rome, Paris sous la pluie, Me lasse et m'ennuie, La Seine est plus grise Que la Tamise, Ce ciel de brouillard, Me fout le cafard, Paris pleut toujours, Sur le Luxembourg, Y'a d'autres jardins Pour parler d'amour, Y'a la Tour de Pise, Mais j' préfère Venise, Viens faire tes bagages, On part en voyage.	J'te donne rendez-vous, A la Gare de Lyon, Sous la grande horloge, Près du portillon, Nous prendrons le train Pour Capri la belle, Pour Capri la belle, Avant la saison, Viens voir l'Italie, Comme dans les chansons Viens voir les fontaines, Viens voir les pigeons, Viens me dire je t'aime, Comme tous ceux qui s'aiment A Capri la belle, En toute saison.	Paris mon Paris, Au revoir et merci, Si on téléphone, J'y suis pour personne, J'vais dorer ma peau Dans les pays chauds, J'vais m'enseoleiller, Près des Gondoliers, Juste à l'aube grise, Demain, c'est Venise, Chante barcarolle, J'irai en gondole, J'irai sans sourire, Au Pont des Soupirs, Pour parler d'amour, A voix de velours. Taxi mène moi A la Gare de Lyon, J'ai un rendez-vous,	Près du portillon, Je vais prendre le train Pour Capri la belle, Pour Capri la belle, Avant la saison, Passant par Vérone, Derrière les créneaux, J'vais voir le fantôme Du beau Roméo, Je vais dire je t'aime, A celui que j'aime, Ca sera l'Italie Comme dans les chansons, Taxi vite, allons, A la Gare de Lyon Paroles et musique de Barbara ©Editions Métropolitaines

QUADRO 2

Ao procurar nos tangos, em filmes e um pouco na literatura argentina, por enquanto, não encontrei exemplos significativos da tendência que contudo é facilmente observada dos sulinos irem em busca

do Sol no rumo do Norte como em Florianópolis que fervilha de turistas no verão. Ao contrário, argentinos referem-se freqüentemente ao “Sur” e nele expressam apego e saudades de sua terra – e raramente ao calor do Norte.

De todo modo, ainda mostrando oposições e gerando questões sobre referenciais e suas origens, existem questões que apenas começo a analisar, por enquanto, partindo da diferença entre os céus dos dois hemisférios. Um céu do referencial hegemônico de leitura do mundo todo a partir do hemisfério norte e um céu revelado para o Norte na (des)coberta do Novo Mundo já antigo e desvelando-se no dia-a-dia das culturas que aqui já viviam.

Começamos conjecturando sobre o que poderia significar "Sur" para os portenhos. A partir de Buenos Aires, o Barrio Sur que de fato situa-se mais para Sudeste, é uma zona marcada pela história do tango e bem representada pelos bairros San Telmo e Boca. Além do time de futebol Boca Júnior, localiza-se na Boca o Caminito – ruela tradicional consagrada no tango "El Caminito" de Juan de Dios Feliberto e Garbino Corría Peñaloza (1926) e cantado, entre outros por Carlos Gardel. Também a partir da capital, sabe-se o quanto sua população guarda uma forte referência européia em seus modos de vida e relações afetivas com o Velho Mundo. Poderíamos perguntarmo-nos se, mesmo com essa marca européia, não haveria uma referência às terras e tradições olhadas na direção da Patagônia. "Sur" poderia tomar outra conotação numa escala maior, quando carregado de saudade durante viagens ou mesmo no exílio em países do hemisfério norte, quanto mais a partir da Europa por conta dos laços afetivos.

Fernando Solanas nos instiga nesses questionamentos se consideramos dois de seus filmes -- "Tango: o Exílio de Gardel" e "Sur"²¹ – além da música “Vuelvo al Sur”²² de A. Piazzolla com letra de Solanas, reproduzida QUADRO 3.

Na terceira estrofe aparece uma referência que ainda que saudosa, é incômoda por assumir um "cielo al reves" no hemisfério sul. Ora, "al reves" significa 'às avessas', 'ao contrário'; 'revés' é o lado oposto ao principal, reverso ou contratempo. Reforça-se aqui - por ironia ou por costume - a prevalência do céu e do referencial hegemônico do

Norte. Como sabe-se que qualquer espaço é socialmente construído, este é o contexto "espacialmente correto" da Polar que nunca se move²³ para NORTEar a todos. Mas resta saber qual o referencial? De onde se vê ou se imagina o céu às avessas?

VUELVO AL SUR

Vuelvo al Sur,
como se vuelve siempre al amor,
vuelvo a vos,
con mi deseo, con mi temor.

Llevo el Sur,
como un destino del corazon,
soy del Sur,
como los aires del bandoneon.

Sueño el Sur,
inmensa luna, cielo al reves,
busco el Sur,
el tiempo abierto, y su despues.

Quiero al Sur,
su buena gente, su dignidad,
siento el Sur,
como tu cuerpo en la intimidad.

Te quiero Sur,
Sur, te quiero.

Vuelvo al Sur,
como se vuelve siempre al amor,
vuelvo a vos,
con mi deseo, con mi temor.

Quiero al Sur,
su buena gente, su dignidad,
siento el Sur,
como tu cuerpo en la intimidad.
Vuelvo al Sur,
Llevo el Sur,
te quiero Sur,
te quiero Sur...

*Letra: Fernando E. Solanas
Musica: Astor Piazzolla
Do filme "Sur" cantado por
Roberto Goyeneche*

QUADRO 3

Solanas coloca essa musica no final de seu filme "Tango: o exílio de Gardel". É o momento em que a família exilada em Paris a canta em conjunto, justo antes da volta para Buenos Aires, marcada por expectativas e imprevisibilidades. A partir de Paris – referencial do Norte – o céu é imaginado ao revés e portanto, Paris, de onde eles cantam " Sueño el Sur, ... , cielo al reves," nos dá uma pista para o significado de "Sur" nesse caso.

'Céu às avessas' ainda que "fale" do Norte, sugere também a consciência da diferença entre o olhar hegemônico e aquele que suleia-se, como o Incas em Cuzco. Embora pareça uma razoável, sutil e irônica crítica do autor que mostra como o Norte nos vê, a expressão "cielo al revés" traz uma sensação de vazio. Vazio em um Mundo consagradamente norteado que contesta a identidade do Sul e ainda nos coloca sob tensão, possivelmente na busca de uma referência perdida ou ainda não encontrada em algum depois....

Na mesma estrofe que fala de um céu invertido, surge "El tiempo abierto y su después...". O advérbio 'depois' exprime circunstâncias de tempo, lugar, modo, dúvida. A partir dos dois extratos no QUADRO 4, em "Vuelvo al Sur" o depois é temporal. A circunstância de lugar exemplifica-se em "Sur..."²⁴, um clássico com a letra de um extraordinário poeta do tango, Homero Manzi que fala de um "Paredón y después..." , e – ainda que pareça reticente -- num rumo do "Sur...".

<p>"..Sueño el sur Inmensa luna, cielo al revés Busco el sur El tiempo abierto y su después..."</p> <p>(Piazzola – Solanas. 1984)</p>	<p>"Sur... Paredón y después. Sur... Y una luz de almacén. Ya nunca me verás como me vieras Recostado en la vidriera y esperándote"</p> <p>(Anibal Troilo – Homero Manzi. 1948)</p>
---	---

QUADRO 4

Aqui o simbolismo se complica. Se por um lado, "El tiempo abierto y su después..." sugere o tempo da volta do exílio, expectativas e imprevisibilidades. Por outro, a referência espacial a "Sur... Paredón y después" , além de sugerir uma muralha numa origem mais do espanhol, também é a parede ainda erguida numa ruína ou ainda um paredão de fuzilamento como na expressão "*Al Paredón!*".

Horácio Salas, em **El Tango, una guía definitiva** (1996), nos informa que o simbolismo espacial nos poemas de Homero Manzi é marcado pelos tempos e paisagens da infância desse poeta, dramaturgo, cineasta.

Com 6 anos de idade em 1913, mudou-se de Añatuya, no campo a cerca de 600km ao noroeste de Buenos Aires, para essa capital instalando-se com a família nas proximidades de Boedo e Garay que na época, ainda eram parte do subúrbio portenho. De seus poemas dedicados à cidade, os mais exemplares são "Barrio de Tango" (1942) e "Sur" (1948). Os dois têm as marcas dos impactos sobre esse camponês, surpreso ao mudar-se para a cidade grande. O primeiro lembra os tempos de Manzi no colégio em Nova Pompeya. "Sur...", segundo Salas, evoca a amplitude do "suburbio, en la que se intuye la proximidad de la pampa. El aire de límite ciudadano se encuentra en las palabras *y todo el cielo*, y en el *perfume de yuyos y de alfafa* que descubre la presencia del barrio y de la pampa que confluían en un costado difuso de la ciudad en pleno desarrollo" (cf. 190).

De um lado, se o espírito crítico e a consciência social ou mesmo a ironia de Solanas, trazem um "céu às avessas" que explicita um olhar da Europa "para baixo". Em contraponto, ele ressalta a saudade da "imensa lua" e o "cielo" do Sul, uma constante no saudosismo e na melancolia dos tangos. Essas miradas do Barrio Sur e da tradição "tanguera" para a direção Sul têm uma expressão cheia de sentimento na música e letra²⁵ de Eladia Blázquez, interprete e compositora de seus temas cuja obra baseia-se, de forma realista, num Buenos Aires nada fantasioso onde Eladia mantém sua forte consciência crítica do contexto em que vive. "El Corazon al Sur" de Eladia Blázquez aparece em extrato no QUADRO 5.

<p>EL CORAZON AL SUR (1975) Eladia Blázquez</p> <p>Nací en un barrio donde el lujo fue un albur, por eso tengo el corazón mirando al sur. (...)</p>	<p>La geografía de mi barrio llevo en mí, será por eso que del todo no me fui: la esquina, el almacén, el piberío los reconozco... son algo mío... Ahora sé que la distancia no es algo real</p> <p>y me descubro en ese punto cardinal volviendo a la niñez desde la luz, teniendo siempre el corazón mirando al sur...</p>
--	--

QUADRO 5

O céu e a circulação do tango e sobretudo das gentes do tango, lembram um contexto intenso das entradas e saídas como no sistema da FIGURA 1. Contexto sociocultural em que ordens diversas e opostas entrecruzam-se com amor, paixões e ódios e, infelizmente, também com repressões. É a "fronteira" Buenos Aires - Europa, intercessão de extraordinárias ambigüidades entre ser de dentro/fora, estar longe/perto nos tantos "países" da Argentina – talvez, com a inspiração de Gardel. Como (QUADRO 6), essa parece ser ..."La Cancion de Buenos Aires":

<p>LA CANCION DE BUENOS AIRES (1932)</p> <p>Buenos Aires, cuando lejos me vi sólo hallaba consuelo en las notas de un tango dulzón que lloraba el bandoneón. Buenos Aires, suspirando por ti bajo el sol de otro cielo, cuánto lloró mi corazón escuchando tu nostálgica canción.</p> <p>Canción maleva, canción de Buenos Aires, hay algo en tus entrañas que vive y que perdura. Canción maleva, lamento de amargura, sonrisa de esperanza, sollozo de pasión.</p>	<p>Ese es el tango canción de Buenos Aires, nacido en el suburbio que hoy reina en todo el mundo. Este es el tango que llevo muy profundo clavado en lo más hondo del criollo corazón.</p> <p>Buenos Aires donde el tango nació, tierra mía querida. Yo quisiera poderte ofrendar toda el alma en mi cantar y le pido a mi destino el favor de que al fin de mi vida oiga el llorar del bandoneón. entonando tu nostálgica canción.</p> <p>Autor: Manuel Romero Música: Azucena Maizani y Orestes Cúfaro</p>
---	--

QUADRO 6

Do Sur de Benedetti, e outros tantos "lugares de Sul", sejam eles os do hemisfério norte -- em "Si el Norte fuera el Sur", de Arjona -- ou os de Chico Buarque e Ruy Guerra onde "Não existe pecado ao Sul do Equador"²⁶, a dependência do referencial hegemônico, exige resistência e mudança para que "todo o mundo saiba que o Sul também existe".

Nós, dos muitos "lugares de Sul", só reafirmaremos a existência do Sul, onde quer que ele esteja representado, pela consciência de nossos referentes e referenciais, a cada instante em construção, re - conceituados e re - simbolizados na própria vivência de nossos contextos.

Ainda que nos digam como Gilberto Gil:

"Se oriente, rapaz
Pela Constelação do Cruzeiro do Sul (...)"
Se oriente, rapaz
Pela constatação de que a aranha
Vive do que tece"

Temos sempre que conferir e nos dizer, também como Gil:

"Vê se não se esquece.
Pela simples razão de que tudo merece consideração"²⁷

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston, *La Formation de l'Esprit Scientifique: contribution a une psychanalyse de la connaissance objective*, Paris, Vrin, 1970 [1938].
- BENEDETTI, Mario, "El Sur Tambien Existe", **Preguntas al azar** (poesia), Seix Barral, Buenos Aires, 1993.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, *Sobre o Pensamento Antropológico*, Rio de Janeiro/Brasília, Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.
- DE CERTEAU, Michel, **L'Invention du quotidien. 1. arts de faire**, Paris, (folio/essais), Gallimard, 1990.
- DESCOLA, Philippe, *La Nature Domestique, Symbolisme et Praxis dans l'Écologie des Achuar*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Dicionário Aurélio Eletrônico – V. 2.0)** Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1996
- FREIRE, Paulo e D'OLNE CAMPOS, Marcio, "Leitura da palavra... leitura do mundo", **o Correio da UNESCO**, 19, 2, pp. 4-9, fevereiro 1991.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- GEERTZ, Clifford, "Estar lá, escrever aqui", **Diálogo**, v. 22, 3, 58-63 1989
- GINZBURG, Carlo, *Mitos, Emblemas e Sinais, Morfologia e História*, Companhia das Letras, São Paulo, 1989.
- KUHN, Thomas S., **A Estrutura das Revoluções Científicas**, São Paulo, Perspectiva, 1964.
- LATOUR, Bruno, "Comment Redistribuer le Gran Partage?", **Revue de Synthèse**, vol CIV, nº110, 203-235, avril-juin, 1983.
- LEACH, Edmund, "Anthropos" *in* *Anthropos-Homem*, volume 5, Enciclopédia Einaldi, R.Romano (dir.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- LEACH, Edmund, *Cultura e Comunicação — A Lógica pela qual os Símbolos Estão Ligados — Uma Introdução ao Uso da Análise Estruturalista em Antropologia Social*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MAUSS, Marcel, "Représentations et Représentations Collectives", *in* **Sociologie et Anthropologie**, Quadrige/PUF, Paris, 1950 [1924].
- SALAS, Horácio, **El Tango, una guía definitiva**, Aguilar, Buenos Aires, 1996
- SPERBER, Dan, **O Simbolismo em geral**, São Paulo, Cultrix, 1978 [1974].
- SPERBER, Dan, "Pourquoi les animaux parfaits, les hybrides et les monstres sont-ils bons a penser symboliquement?", **L'Homme**, avril-juin, XV (2), pp. 5-34, 1975.
- TOURNIER, Jacques, *BARBARA ou Les Parentheses*, Paris, Seghers, 1968.
- Un siglo de TANGO!**, CD-ROM, Sierra 3 Tandil, Buenos Aires, 1995.
- URTON, Gary, "Orientation in Quechua and Incaic Astronomy", *Ethnology*, 17, no. 2, 157-167, 1978.

NOTAS

Campos, M. D., "SULear vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia", **Documenta**, VI, Nº 8, Programa de Mestrado e Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social & (EICOS)/Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável/UFRJ, Rio de Janeiro, 1999. pp. 41-70.

(mdoincampos@terra.com.br).

@ mdcampos@uol.com.br

¹ O capítulo de mesmo nome teve as dez poesias de Benedetti gravadas por Juan . Manuel SERRAT no CD: **el sur tambien existe**, ARIOLA (6087-2-RL), Argentina, 1994.[ARIOLA EURODISC S. A., 1985]

² Matematicamente, essa correlação pode ser formalizada usando-se as duas notações de razões e proporções: (N/S) = (acima/abaixo) ou N : S :: acima : abaixo . Nos dos casos podemos ler, juntando alguma interpretação: O Norte está para o Sul, assim como o superior está para o inferior.

³ A idéia de referencial (referência + al, onde al significa pertinência) é fundamental nessa discussão onde a utilizamos como o "lugar", o ponto de "vista" de onde se percebe ou se interpreta ou se lê o referente (em semiologia: aquilo que o signo designa; contexto). Subjetividade e reflexividade são importantes características de nossa relação com o contexto. Destacam-se, entre os significados de referencial: 1. "o que constitui referência ou que a contém"; 2. "relativo a". 3. sistema em relação ao qual são especificadas coordenadas espaciais e temporais de eventos, ou seja, o sistema de referência ou sistema de coordenadas. Com uma associação dos sentidos 2 e 3, tem-se à idéia da relatividade dos referenciais. Entre as funções da linguagem (características de um enunciado lingüístico), a função referencial é aquela "na qual predominam as mensagens centradas no referente ou contexto". A função referencial é também denominada função denotativa ou função cognitiva. (FERREIRA, 1975, 1996).

⁴ Quase simetricamente, o Rio de Janeiro fica na latitude 22° 54' S a partir da linha do Equador (latitude 0°) está ao Norte do Trópico de Capricórnio (22° 27' S).

⁵ Ricardo Arjona, **Si el Norte fuera el Sur**, CD, CDPL 485254, Columbia, (distr. Sony Music), México
SI EL NORTE FUERA EL SUR, Ricardo Arjona (letra y musica)

<p>El Norte sus McDonald's basketball y rock'n roll Sus topless sus Madonas Y el abdomen de Stallone Intelectuales del Bronceado, eruditos de supermercado Tienen todo pero nada lo han pagado</p> <p>Com 18 eres un niño para un trago en algun bar Pero ya eres todo un hombre pa' la gerra y pa' matar Viva Vietnam y que viva Forest Gump Viva Wall Street y que viva Donald Trump Viva el Seven Eleven</p> <p>Polvean su nariz y usan jeringa en los bolsillos Viajan con Marihuana para entender la situation De este juez del Planeta que lanza una invitacion Cortaselo a tu marido y gañaras reputacion</p> <p>Coro: Las barras y las esterellas se adueñan de mi bandera Y nuestra libertad no es outra cosa que una ramera Y si la deuda externa nos robo la primavera Al diablo la geografia se acabaron las fronteras</p>	<p>Si el Norte fuera el Sur Serian lo Sioux los marginados Ser moreno y chaparrito seria el look mas cotizado Marcos seria el Rambo Mexicano Y Cindy Crawford la Menchu de mis paisanos Reagan seria Somoza Fidel seria un atleta corriendo bolsas por Wall Street Los Yanjkees de mojados a Tijuana Y las balsas de Miami a La Habana, si el Norte fuera el Sur</p> <p>Seriamos igual, o tal vez un poco peor Com las Malvinas por Groenlandia Y en Guatemala un Disneylandia Y Simon Bolivar rompiendo su secreto Ah! Les va el 187, fuera los Yankees por decreto.</p> <p>Coro: Las barras y las esterellas se adueñan de mi bandera... (se repite dos veces)</p> <p>Si el Norte fuera el Sur seria la misma porqueria Yo cantaria un rap y esta cancion no existiria.</p>
--	---

⁶ O conceito de indício e de grande importância para essa discussão e sobretudo para considerações interdisciplinares de relaxamento de fronteiras entre ciências naturais e sociais e da dicotomia 'evidência empírica / indício' que a elas se associa respectivamente. Ver a excelente discussão de Carlo GUINSBURG (1989:13-179) em "Sinais: Raíces de um paradigma indiciário".

⁷ Para os conceitos dialogicidade, obstáculo epistemológico e paradigma, ver respectivamente, Paulo Freire (1981), Bachelard (1970) e Kuhn (1964)

⁸ Nessa antinomia que parece sugerir um observador distante e neutro em relação ao observado, vale mencionar um conceito originário da física, o de "participador". Ele nos permite refletir sobre 'pesquisa participante' em ciências sociais da mesma forma que na física do microcosmo que se constituiu a partir do século XX. Nela, observador, materiais, métodos e objeto de estudo, encontram-se tão interrelacionados que segundo o físico J. A Wheeler, "para descrever o que aconteceu tem-se que abandonar a palavra "observador" e substitui-la pela nova palavra 'participador'. Em certo sentido, o universo é um universo participatório" (**The Phisicist's conception of Nature**, J. A. MEHRA (ed.), Dorbrecht (Holland), D. Reidel, 1973).

⁹ Ver a ironia ao nosso desejo compulsivo de classificação em Jorge Luis BORGES, "El idioma analítico de John Wilkins", in Otras Inquisiciones, in Jorge Luis Borges, obras completas, 1923-1972, pp. 706-709, Buenos Aires, Emecé, 1974. Esse texto gerou importantes análises críticas referindo-se às classificações como forma de exercício de poder como bem resume o prefácio de Michel FOUCAULT, As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

¹⁰Freire (1991).

¹¹ Tradução livre do autor.

¹² Ver nota 6.

¹³ Gary Urton (1978): "I suggest that since the azimuth of the rise of alpha Crucis (the center of the Quechua celestial sphere) was 144.59 degrees in A.D. 500 and 147.52 degrees in A.D. 1000, this southern line [i.e., the line marking the boundary between Collasuyu and Cuntisuyu] was meant to incorporate within one suyu the rising and setting points of

the stars at the center of the Incaic universe, alpha crucis and the Coalsack." (cf. 164). No artigo de Urton, Esse parágrafo é ilustrado por um esquema semelhante ao da FIGURA 2 do presente texto.

A mudança do ângulo de azimute se deve a um dos movimentos da terra denominada Precessão dos Equinócios. Collasuyu e Cuntisuyu são as denominações quíchuas dos dois quadrantes do lado Sul, respectivamente e de forma aproximada SE e SW, já que eles não são iguais e divididos pelo eixo N-S.

Em várias populações indígenas, além de juntarem-se estrelas para constituir as figuras das constelações, há uma referência a zonas escuras do céu que também simbolizam entidades terrenas. Os Quíchuas construíram dois sistemas distintos de classificação. Às ligações de estrelas (pontos), eles atribuem objetos e construções humanas. As "nuvens negras" ou regiões escuras do céu, em geral representam animais. O Saco de Carvão (nuvem de poeira e gases não iluminada) próximo do Cruzeiro do Sul é o "Yutu", alguma ave da família dos tinamidae que engloba: macucos, jaós, perdizes e codornas.

¹⁴ Para tentar esclarecer os questionamentos de Sperber (1975), vale extrair alguns trechos de seu livro (1974). Sperber considera que o conhecimento cultural mais interessante é o "conhecimento tácito" – o que não é explicitado, onde os dados fundamentais são os da intuição. Este, se explicitado pelos que o possuem, torna-se 'conhecimento implícito'. Se há incapacidade de explicitá-lo será então o 'conhecimento inconsciente'. Sperber e defende que a representação simbólica se apoia sobre um conhecimento implícito e obedece a regras inconscientes.

"Uma representação conceitual compreende, portanto, dois conjuntos de proposições: proposições focais, que descrevem a nova informação; proposições auxiliares, que formam o elo entre a informação nova e a memória enciclopédica. Se umas fracassam na descrição, e as outras malogram em formar esse elo, a informação nova não pode ser integrada ao conhecimento adquirido".

Embora pareça que a representação conceitual possa ser rejeitada por não tornar uma informação nova assimilável à memória, a própria representação conceitual torna-se objeto possível de uma segunda representação: "o dispositivo conceitual jamais trabalha em vão; quando uma representação fracassa em estabelecer a pertinência de seu objeto, ela própria se torna objeto de uma segunda representação. Esta segunda representação não nasce mais do dispositivo conceitual que se revelou impotente, mas do dispositivo simbólico, que toma então seu lugar. O dispositivo simbólico tenta estabelecer por seus próprios meios a pertinência da representação conceitual defeituosa.

Para retomar a imagem de Lévi-Strauss, o dispositivo simbólico é o *bricoleur* do espírito. Ele parte do princípio de que os resíduos da indústria conceitual merecem ser conservados porque sempre será possível extrair algo deles. Mas o dispositivo simbólico não procura descodificar as informações que ele trata. É precisamente porque tais informações fogem em parte ao código conceitual, o mais poderoso dos códigos de que os homens dispõem, que elas, afinal, foram dominadas. Não se trata, portanto, de descobrir a significação das representações simbólicas, mas, pelo contrário, trata-se de inventar-lhes uma pertinência e um lugar na memória a despeito do malogro a esse respeito das categorias conceituais da significação. Uma representação é simbólica precisamente na medida em que não é integralmente explicável, isto é, significável. As concepções semiológicas não são, portanto, apenas inadequadas: elas mascaram facilmente as propriedades constitutivas do simbolismo". (Cf. 112-113). Sperber critica aqui afirmação bastante comum de que "as formas explícitas do simbolismo são significantes que se associam a significados tácitos segundo o modelo de relações entre som e sentido da língua" (cf. 10).

¹⁵ O termo SULEar vem sendo empregado por esse autor desde 1991 em duas publicações: 1) D'OLNE CAMPOS, Marcio, "A Arte de Sulear-se I", "A Arte de Sulear-se II", in **Interação Museu-Comunidade para a Educação Ambiental** (mimeo), Teresa Cristina Scheiner(coord.) UNI-RIO/TACNET, Rio de Janeiro, 1991. pp. 59-61;79-84. 2) TOLEDO, Cléo, D'OLNE CAMPOS, Marcio, **A Ecologia de Cada Dia, Educação Ambiental, 1o. Grau**, Saraiva, São Paulo, 1991. p. 34.

¹⁶ Ver Freire (1991).

¹⁷ Os problemas colocados por essas questões são inumeráveis e demandam certa sutileza na percepção. Certa vez numa oficina para professores, cedo pela manhã os raios intensos do Sol entravam por uma porta lateral da sala quando perguntei a alguém sentado com o lado esquerdo do corpo dirigido para a porta, onde estava o Norte. A resposta imediata foi: "Na minha frente". O lado esquerdo para o leste indicava o Sul na frente, no entanto ocorre como se colássemos uma etiqueta do Norte na Testa e que, qualquer que seja o lado para onde olhamos, este seja sempre o Norte. Atento para o fato de que essa resposta é bem mais comum do que possa se pensar.

¹⁸ O Sol "chega" em cada um dos dois Trópicos em junho no de Câncer e em dezembro no de Capricórnio. Nesses dois momentos, pelo horóscopo, ele está também situado respectivamente nas casas zodiacais de Câncer e Capricórnio. É interessante lembrar duas palavras associadas a esse movimento do Sol, seus tempos e lugares. Quando o Sol chega a um dos Trópicos ele "para" e volta. esse momento chama-se Solstício [do latim: Sol + stare (parar)]. Quando o Sol passa pela Linha do Equador a duração do dia claro é igual à duração da noite escura, cada período tem 12 horas precisas. esse é o instante chamado Equinócio [do latim: aequinoctium = aequus + nox, noctis]. Traduzindo e lembrando que a palavra dia é omitida: [(dia claro) igual à noite (escura)].

¹⁹ "O Norte vale talvez mais pela moral. Mas o Midi vale mais pela vida"

²⁰ Tradução livre do autor:

<p>GARE DE LYON</p> <p>Letra e música de BARBARA</p> <p>Eu te telefono, Perto do Metrô Roma, Paris sob a chuva Me cansa e me aborrece, O Sena é mais cinza Que o Tâmis, Esse céu de nevoeiro, Me mete a nostalgia, Paris chove sempre, Sobre o Luxembourg, Há outros jardins Para falar de amor, Há a Torre de Pisa, Mas eu prefiro Veneza,</p>	<p>Vem fazer sua malas, Nós partimos em viagem. Eu te encontro, Na Estação de Lyon, Sob o grande relógio, Perto do portão, Nós tomaremos o trem Para Capri a bela, Para Capri a bela, Antes da estação Vem ver a Itália, Como nas canções Vem ver as fontes Vem ver os pombos, Vem me dizer eu te amo, Como todos os que se amam</p> <p>Em Capri a bela, Em qualquer estação.</p>	<p>Paris minha Paris, Adeus e obrigada, Se me telefonam, Eu não estou para ninguém, Eu vou dourar minha pele Nos países quentes, Eu vou me ensolarar, Perto dos gondoleiros, Justo na aurora cinzenta, Amanhã, é Veneza, Cante barcarola, Eu irei em gôndola, Eu irei sem sorrir, à Ponte dos Suspiros, Para falar de amor, A vozes de veludo.</p> <p>Taxi leve-me à Estação de Lyon,</p>	<p>Eu tenho um encontro, Perto do portão, Eu vou tomar o trem Para Capri a bela, Para Capri a bela, Antes da estação, Passando por Verona, Por trás das ameixas, Eu vou ver o fantasma Do belo Romeu, Eu vou dizer eu te amo, A aquele que eu amo, Será a Itália Como nas canções,</p> <p>Taxi rápido, vamos, Para a Estação de Lyon.</p> <p>©Eds Métropolitaines</p>
---	---	---	---

²¹ **Tangos: El Exilio de Gardel**, Fernando Ezequiel Solanas, Tercine (Paris)/Cinesur (Buenos Aires), França/Argentina, 1984).

SUR (Le sud), Fernando Ezequiel Solanas, Cinesur SA/Production Pacific/Canal Plus Productions, 1988

"Palabras del director Fernando E. Solanas Premio al mejor director.41o Festival Internacional del Film De Cannes:

Quiero decirles que Sur nos cuenta una historia de amor. Es el amor de una pareja y es tambien una historia de amor de un país.

Es la historia de un regreso.

Sur nos recuerda a aquellos argentinos que en la película he llamado los de "la mesa de los sueños". de ellos aprendí.

Ellos, más allá de sus convicciones políticas, nos dejaron como herencia una obra y un compromiso.

Sur nos habla del reencuentro y de la amistad. Es el triunfo de la vida sobre la muerte, del amor sobre el rencor, de la libertad sobre la opresión, del deseo sobre el temor. Tambien quiero decirles que Sur, es un homenaje a todos los que, como mi personaje tartamudo, supieron decir no.

Fueron los que mantuvieron la dignidad. Ellos dijeron no a la injusticia, a la opresión, a la entrega del país.

Queridos amigos, aquí está Sur. fue echa con el corazón y ahora les pertenece." (FONTE: na Internet: <http://www.cineargentino.com/sur.html>)

²² "Vuelvo al Sur" é cantada por Caetano Veloso em **Fina Estampa**, Polygram, 522745-2, 1994.

²³ Como o nome indica, a estrela Polar situa-se na direção do polo Norte celeste. No entanto essa situação não é eterna. O eixo terrestre é inclinado em relação a uma normal (perpendicular) ao plano que contém a órbita de revolução anual da Terra em torno do Sol. Com essa inclinação de 23°27', a Terra e seu eixo giram por rotação em torno dessa vertical, completando uma volta em cerca de 26000 anos, é o movimento de Precessão dos Equinócios. Com isso, já dentro de uns 2000 anos a Estrela Polar não será mais polar, estará deslocada do polo Norte e só voltará a sê-lo daqui a aproximadamente 26000 anos. Por essa razão diz-se agora que estamos entrando na era de Aquário. O Sol do equinócio de março está numa transição entre as casas zodiacais: Peixes e Aquário. Em cada uma das 12 casas do Zodíaco, o Sol permanece cerca de 2167 anos (26000 / 12 = 2166,7).

²³ A seguir destaca-se a poesia de Manzi, **SUR...**

NOTA: Uma vastíssima fonte de informações sobre vários aspectos do Tango inclusive letras de muitos deles, pode ser encontrada em: **Un siglo de TANGO!**, CD-ROM, Sierra 3 Tandil, Buenos Aires, 1995.

<p>SUR... (Anibal Troilo - Homero Manzi)</p> <p>San Juan y Boedo antiguo Y todo el cielo. Pompeya y mas allá la inundación, Tu melena de novia en el recuerdo Y tu nombre florando en el adiós. La esquina del herrero, Barrio y Pampa, Tu casa, tu vereda y el zanjón Y un perfume de yuyos y de alfalfa Que me llena de nuevo el corazón.</p> <p>Sur... Paredón y después. Sur... Y una luz de almacén. Ya nunca me verás como me vieras Recostado en la vidriera y esperándote.</p> <p>Ya nunca alumbraré con las estrellas Nuestra marcha sin querellas Por las noches de Pompeya. Las calles y las lunas suburbanas Y mi amor y tu ventana, Todo ha muerto ya lo se.</p>	<p>San Juan y Boedo antiguo, Cielo perdido, Pompeya y al llegar al terraplén. Tus veinte años temblando de cariño Bajo el beso que entonces te robé. Nostalgia de las cosas que han pasado, Arena que la vida se llevó, Pesadumbre de barrios que han cambiado Y amargura de un sueño que murió.</p> <p>Sur... Paredón y después. Sur... Y una luz de almacén. Ya nunca me veras como me vieras, Recostado en la vidriera y esperándote.</p> <p>Ya nunca alumbraré con las estrellas Nuestra marcha sin querellas Por las noches de Pompeya. Las calles y las lunas suburbanas Y mi amor y tu ventana Todo ha muerto ya lo se.</p>
--	--

<p>EL CORAZON AL SUR (1975)</p> <p>(Eladia Blázquez)</p> <p>Nací en un barrio donde el lujo fue un albur, por eso tengo el corazón mirando al sur. Mi viejo fue una abeja en la colmena, las manos limpias, el alma buena. Y en esa infancia, la templanza me forjó, después la vida mil caminos me tendió y supe del magnate y del tahir, por eso tengo el corazón mirando al sur.</p> <p>Mi barrio fue una planta de jazmín, la sombra de mi vieja en el jardín,</p>	<p>la dulce fiesta de las cosas más sencillas y la paz en la gramilla de cara al sol... Mi barrio fue mi gente que no está las cosas que ya nunca volverán si desde el día que me fui, con la emoción y con la cruz ¡yo sé que tengo el corazón mirando al sur!...</p> <p>La geografía de mi barrio llevo en mí, será por eso que del todo no me fui: la esquina, el almacén, el piberío los reconozco... son algo mío... Ahora sé que la distancia no es algo real</p> <p>y me descubro en ese punto cardinal volviendo a la niñez desde la luz, teniendo siempre el corazón mirando al sur...</p>
---	---

"Não existe pecado ao Sul do Equador", Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra, 1972-1973.

"Oriente", Gilberto Gil, 1971.